

Apresentação

Zsuzsanna Spiry

O leitor pode estar se perguntando, mas qual é a relação entre literatura e história política? De que “outra Europa” está se falando aqui? No prefácio intitulado “Europa, pois é, Europa” que escreveu para o livro de Aleksandar Jovanović – um dos colaboradores desta revista – *À Sombra do Quarto Crescente* [Ed. Hutech, 1995], Nelson Ascher nos conta que se trata da parte do continente “submersa em tiranias, genocídio, ruínas, pobreza e barbárie”, uma imagem muito distante da aparente “ilha de tranquilidade próspera” com que a Europa era vista até um passado não muito distante. O ensaísta conta que nem o nome dado àquela porção do globo – Europa Centro-Oriental – deixava de suscitar discussões, devido a uma de suas características básicas: trata-se de uma região cujas fronteiras são mutáveis e ariscas, e como consequência, nem a documentação de vários daqueles povos foi registrada em uma única língua quando tomada a perspectiva, por exemplo, dos séculos XIX e do XX.

O estudo de países como a (ex)Iugoslávia e a Hungria, a Polónia, a (ex) Tcheco-Eslováquia e a Romênia, a Bulgária e as nações bálticas pressupõe, portanto, além de um domínio de seus idiomas – e não existe por lá um povo cuja documentação, dada uma perspectiva de um ou mais séculos, esteja escrita numa única língua –, uma familiaridade aprofundada com seus subentendidos e entrelinhas, com seus “double-entendres” e “newspeaks”. [Ascher in Jovanovic, 1995]

Vemos, pois, que pensar em literatura, e mais ainda, em tradução literária dessa região implica, necessariamente, em também pensar em sua história política. Senão correremos o risco de cair nas armadilhas dos *double-entendres* (duplo sentido) e dos *newspeaks* (*linguagem eufemística e ambígua usada principalmente pela propaganda políti-*

ca). E o ensaísta vai mais longe, nos informando que apesar dessa *outra Europa* ter produzido uma literatura instigante em suas línguas nativas, com suas catástrofes regionais e nacionais esmiuçadas em romances, dramas e poemas, a maior parte dessa literatura somente começou a chegar aos leitores ocidentais nos anos 1960, através dos dissidentes que despertaram interesse suficiente para que as barreiras idiomáticas que essa *outra Europa* impunha fossem transpostas e suas obras comesçassem a ser traduzidas para outras línguas ocidentais.

Do ponto de vista migratório, o período destacado por Ascher deve ter sido suficiente para que os próprios dissidentes, que deixaram seus países de origem em torno da 2ª Guerra Mundial, comesçassem a dominar as línguas de seus novos países de adoção e, com isso pudessem eles mesmos publicar obras suas ou produzir traduções de clássicos de seus países de origem.

Continuando sua argumentação, o crítico então conclui que foi assim que um polonês em 1980, um tcheco em 1984, um húngaro em 2002, um iugoslavo em 1961, um servo-croata em 1989, uma romena em 2009, um búlgaro em 1981 e uma polonesa em 1996 receberam o mais alto reconhecimento literário e foram laureados com o Prêmio Nobel de Literatura. Essa *outra Europa*, tão rica em questões linguísticas e de tradução, de exílios e de deslocamentos, dos mais diversos, também produz alta literatura.

Devido à significância dos eventos históricos para a temática desta edição especial de os *Cadernos de Literatura em Tradução*, pensamos que o leitor iria gostar de lembrar determinados fatos históricos que além de terem contribuído com, também precipitaram as manifestações literárias de vários povos da Europa Centro-Oriental. Assim, nossa edição começa apresentando um estudo histórico do movimento nacionalista húngaro de 1848, que apesar de ter eclodido na esteira de vários outros levantes semelhantes que varreram a Europa na primeira metade do século XIX, teve características próprias, inclusive na questão literária. É o que nos conta em sua lúcida narrativa Marilena Vizentin, que prontamente atendeu ao nosso convite para publicar o seu estudo.

De que maneira traduções de ou para línguas minoritárias encaram a domesticação e/ou a estrangeirização é analisado por Kinga Klaudy, que faz uma triangulação entre duas línguas majoritárias – inglês e russo – em face da uma língua minoritária – o húngaro – com o exame de várias obras húngaras traduzidas para elas, ou de várias obras canônicas traduzidas tanto do russo como do inglês para o húngaro. Traumatizados pelo longo domínio soviético no país, raros são os húngaros que depois do final daquele triste episódio histórico continuaram a estudar a cultura antes lhes imposta à força. Klaudy Kinga, ao contrário, tirou

proveito acadêmico de seu conhecimento, que aqui coloca à disposição do leitor interessado na reflexão teórica da tradução. Inusitado o leitor brasileiro ter acesso à análise comparativa entre estruturas linguísticas do húngaro versus o russo e o inglês, e vice versa, em traduções literárias.

Enfrentar o desafio de traduzir o aclamado polonês Stanislaw Lem, um dos grandes escritores de ficção científica do mundo, que além disso é um mestre do gênero ensaio, requer coragem, para dizer o mínimo. Pois essa tarefa é encarada com galhardia por Henryk Siewierski, que traz em seu currículo não somente uma longa experiência como professor e tradutor tanto na Europa como no Brasil – fruto da dissidência acima mencionada –, mas também o de fundador da revista *Aproximações*, publicada simultaneamente em Lisboa e em Brasília, que no final dos anos 1980 tinha em seu bojo o mesmo objetivo que esta revista, isto é, aproximar do leitor de língua portuguesa a literatura daquela parte da Europa.

Conterrâneo de Siewierski, Gabriel Borowski faz o caminho inverso. Desde a Polônia examina a recepção brasileira de Bruno Schulz, um escritor polonês cujo estigma é ser constantemente comparado a Franz Kafka. Borowski discute o processo de construção da imagem do autor na cultura de chegada e de que modo o tradutor pode influenciar na desvinculação da imagem do autor desse seu estigma.

A relação da tradução dentro da obra do checo Vilém Flusser foi objeto de pesquisa de mestrado de Cláudia Santana Martins, posteriormente lançado em livro pela editora Humanitas. Aqui no Caderno, a autora reescreve e adapta alguns tópicos desenvolvidos em seu livro, já que Flusser é um exemplo modelar de autor dissidente da Europa Centro-Oriental. Em seu estilo claro e agradável, apesar de erudito, Martins vai desvendando os meandros históricos não só do pensamento flusseriano, como também os caminhos por ele trilhados, às vezes forçado mais pelos desígnios dos eventos históricos do que pela sua própria vontade.

Examinando um caso específico – a presença da literatura húngara traduzida no Brasil – Spiry nos apresenta um modelo de análise que também pode ser aplicado ao estudo da literatura traduzida de outras línguas minoritárias, já que parte de conceitos universais enunciados por Antonio Candido para a determinação da presença de um sistema literário em outro, via tradução. No final conclui que somente quando se apresentou o interesse específico de um grupo de leitores em especial é que se criaram condições para que a literatura húngara se fizesse presente no Brasil, de maneira mais palpável.

Não foi unicamente a fama literária alcançada com o Prêmio Nobel de 2002 que fez com que a obra do húngaro Imre Kertész assumisse uma posição de

destaque no sistema literário brasileiro. A temática apresentada em sua literatura de testemunho – Kertész é um sobrevivente do Holocausto e sua obra reflete a condição humana dela advinda –, aliada a um estilo marcante, além de alcançar um público específico entre os demais sobreviventes do Holocausto, transformou sua obra em objeto de pesquisa no Instituto de Psicologia da USP. O lançamento do livro “Imre Kertész e o desterro humano” de José Alberto Cotta et alii, pesquisador do Instituto, foi acompanhado de um ciclo de palestras em outubro de 2015. No artigo “Psicanálise e Literatura – Imre Kertész e o Desterro Humano” apresentamos duas das palestras daquele evento: Sarolta Kobori examina os antepassados históricos do povo húngaro e de que forma aquele passado heróico contribuiu com o perfil do povo húngaro na atualidade, e o psicanalista Paulo Schiller, tradutor de Kertész e de outros grandes nomes da literatura húngara contemporânea, compartilha os desafios que se enfrenta durante a tradução de obras desta envergadura.

Em outro texto, o tradutor de Kertész reflete sobre sua condição de bilíngue e as questões próprias de se traduzir de uma língua aglutinante como a húngara. A volumosa quantidade de declinações existentes na língua – 17 casos – permite às palavras estarem presentes em diferentes posições na frase, sem prejuízo de seu significado. Um recurso do qual se valem os escritores húngaros para tornar sua literatura extremamente versátil, mas que impõe ao tradutor enfrentamentos altamente desafiadores.

Na seção traduções, tem-se uma amostra de como as questões discutidas ao longo deste Caderno se apresentam em poesia. No artigo assinado por Aleksandar Jovanović, depois de abordar aspectos que considera relevantes na história dos países e autores que vai traduzir diretamente das línguas originais, o autor nos brinda com a tradução direta da poesia de cinco escritores: um macedônio, um búlgaro, uma eslovena, um polonês e um sérvio. Com muita propriedade, já que é um caso de bilinguismo raro aqui no Brasil,¹ depois de discutir alguns princípios teóricos que norteiam sua linha tradutória, Jovanović demonstra por que a *outra Europa* produziu também vários prêmios Nobel de Literatura. A sua amostra poética deixa um gosto intenso de “quero mais” nas mentes sedentas por boa poesia.

1 Jovanović é filho de mãe húngara e pai sérvio; nasceu e cresceu na região que hoje se chama Voivodina mas que originalmente era a cidade húngara de Szabadka, depois incorporada à extinta Iugoslávia, mas que atualmente pertence à Sérvia; aprendeu e praticou as duas línguas, húngaro e servo-croata, dentro de casa desde a infância. Chegou ao Brasil já adolescente, mas jovem o suficiente para adquirir domínio de nativo sobre a língua portuguesa.

É novamente Nelson Ascher quem assina o prefácio da tradução do livro de István Örkény, publicado pela Editora 34 sob o selo “Coleção LESTE” e traduzida diretamente do húngaro pelo poliglota Aleksandar Jovanović. Ao nos darmos conta da realidade descrita no texto de Ascher, entendemos o interesse de Paulo Chagas de Sousa pelo estilo de conto que traduziu para este Cadernos. Estudioso de línguas, Paulo Chagas domina várias línguas dessa *outra Europa*, não somente o polonês do conto que traduziu para esta edição, mas também o húngaro.

Até o final da Primeira Grande Guerra, a maior parte da Europa Centro-Oriental pertencia a dois impérios, o russo e o austro-húngaro. Ambas as construções políticas eram tão intrincadas, tão carregadas de contradições e contra-sensos, que não chega a causar espanto o fato de tantos autores modernos dessa região terem se dedicado a uma literatura do absurdo ou do grotesco. Essa tendência, celebrizada, por exemplo, pelo cidadão de Praga Franz Kafka ou pelo romeno Ionesco, reforçou-se ainda mais na medida em que as mudanças históricas subsequentes patentearam que, nessa “outra” Europa, todos os tipos de desvario eram mesmo autóctones. [Ascher, Coleção LESTE]

Espera-se que este estranho casamento, não corriqueiro para o leitor brasileiro, da literatura dessa *outra Europa* alavancada por sua história turbulenta, ofereça uma experiência instigante e que seu gosto de “quero mais” seja um convite para aventuras mais profundas.

Como este pedacinho do globo produziu tantos laureados com o Nobel de Literatura, é com natural satisfação que a nossa Cadernos sobre a outra Europa traz uma entrevista focada na obra da laureada de 1996, a polonesa Wislawa Szymborska. Aprofundando-se na pesquisa da obra da Nobel, assim como na obra da sua tradutora no Brasil, Regina Przybycien, a tradutora Bronislawa Altman Mello conduz a entrevista com um letramento diferenciado e com a cumplicidade de quem conheceu, na própria carne, as nuances históricas e literárias da Polônia de sua infância e de seus ancestrais. Assim como muitos dos colaboradores desta edição da Cadernos, a entrevistada Regina Przybycien carrega no sangue uma herança cultural que, já na maturidade, falou mais alto e a fez desejar criar uma ponte cultural entre a língua de seus antepassados e os amantes de poesia no Brasil. Com isso, enveredou pela tradução de Szymborska. Graduada no Brasil em Letras e mestre e doutora em Literatura, tal como muitos imigrantes ou filhos de imigrantes, ao refletir sobre as indispensáveis negociações entre o polonês e o português, Regina o faz com alma culta de especialista em uma terceira Literatura,

a inglesa, que ensinou durante anos em universidades aqui no Brasil. Esta tríplice base de sustentação torna suas agradáveis reflexões uma leitura indispensável para os amantes da arte tradutória e da literatura.

Para encerrar, gostaríamos de destacar a contribuição de Nelson Ascher aos estudos literários dessa *outra Europa*, haja vista o número de vezes que nos referimos a ele somente neste editorial. Não à toa que a Hungria lhe outorgou o prêmio literário Balassi Bálint, um prêmio anual que visa reconhecer o trabalho de tradutores internacionais na disseminação da literatura daquele país pelo mundo afora. Na imagem a seguir, a cerimônia de outorga do prêmio, em 14/02/2017, quando Ascher é saudado por Pál Ferenc no salão Goblin do elegante Hotel Gellért na capital Budapeste.



(14/02/2017) Nelson Ascher é saudado por Pál Ferenc, durante a cerimônia de entrega do prêmio literário Balassi Bálint. Salão Goblin, Hotel Gellért, Budapeste, HU.